

J.R.PEREIRA



Mil Nomes

**O GUARDIÃO
DO INFINITO**

Icone
editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, J. R.

Mil nomes : o guardião do infinito / J. R.
Pereira. -- São Paulo : Ícone, 2010.

ISBN 978-85-274-1075-5

1. Ficção científica brasileira I. Título.

10-03501

CDD-869.9308762

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura brasileira
869.9308762

“A boy’s story is the best that is ever told.”
Charles Dickens

Para Laura.

© Copyright 2010

J. R. Pereira

Direitos cedidos à Ícone Editora Ltda.

1ª Edição – 2010

Produção, Direção de Arte e Edição: J. R. Pereira

Capa, ilustrações, diagramação e design dos personagens:

Marcia Harumi Saito

Agradecimentos: ao Exmo. Sr. mano nosso **Luiz Fanelli**; ao nosso considerado **Richard Veiga**; ao mano **Fernando Aoki**; ao mano véio **Fernando dos Santos**; aos manos internéticos **Kamen Rider** e **Quiof**; à **Tríade** do forum **Papo-Reto**; a **James McSill**; ao mano **Marcos Inoue**...

E agradeço especialmente a **Marcia Harumi** pois sem ela nem este livro, e nem eu, existiriam.

Acesse nosso site:

www.milnomes.com

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados pela

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP 01135-000 – São Paulo – SP

Tel./Fax.: (11) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

e-mail: iconevendas@iconeeditora.com.br



Mil Nomes: A Transfiguração do Real.

A realidade, exterior aos limites da racionalidade humana, sempre será um mistério, e a busca da palavra certa para descrevê-la, da noção verdadeira para a sua compreensão, passa pelo labirinto da multiplicidade de símbolos e significados.

Boa parte de nossas “ideias”, “verdades” e “emoções subjetivas” podem ser englobadas em apenas uma palavra: “falácias”, principalmente quando tais palavras e noções estão petrificadas em dogmas e preconceitos sobre o que seja “o real”.

Nos dias atuais, em que a abundância de informações e conhecimentos os mais variados afoga as compreensões estreitas e limitadas, a arte que consegue compor e harmonizar as mais variadas noções sobre a realidade alcança o patamar de esclarecimento, de utilidade magna, de iluminação – a ficção científica consegue chegar a tais alturas por extrapolar de forma bem sucedida, provocar e estimular o pensamento com possibilidades, visões e novos sonhos.

A pessoa comum, das ruas, que trabalha, se diverte, vive o seu dia a dia, não olha para o cometa que cruza os céus e não tem idéia das coisas que desconhece e que deveria conhecer. Urge, então, que as pessoas sejam des-pertas de seu sono dogmático, da sua visão limitada da realidade, da ideia errônea de que a vida se esgota na imediaticidade dos sentidos físicos!

A obra de ficção científica – de literatura, de cinema, de animação e de multimídia – atinge este alvo com rapidez, ao descortinar à consciência o não-pensado e o inesperado...ao mesmo tempo que proporciona o tempo do lazer, da diversão inteligente e da conquista da informação.



J. R. Pereira está na arena da produção artística, do esclarecimento popular faz décadas, corajosamente lutando “o bom combate”, distinguindo a proposta legítima e o argumento substancioso daquilo que é apenas sofisma do mercado, moda de brinquedinhos, “emburrecimento” intencional, alienação cultural e social.

Com certeza sua posição inegociável a favor do desnudamento dos conceitos artísticos, sociais e políticos em suas categorias verdadeiras, os famosos “ossos do ofício”, o faz entrar em disputa com aqueles que são meros mercadores de idéias, aproveitadores de modismos e defensores de dogmas e preconceitos retrógrados. Anos e anos erguendo o pesado fardo da inércia social brasileira ensinaram-no a burilar seu estilo, afinar suas premissas e iluminar as coisas que ele gostaria de demonstrar à nossa compreensão mundana, estreita, convencional, em que somente há um único perdedor: nós mesmos.

Neste seu romance, “Mil Nomes”, J. R. Pereira, nos lança “de cara” contra a parede representada por nossa moderna, e talvez tola, aversão por textos de ficção científica substanciosos, trabalhados, ricos, com vários níveis de interpretação e de entendimento. Os brinquedos são apresentados já no primeiro parágrafo, não como uma propaganda mandatária ou “marketing” oportunista, mas como sendo os fatos concretos da vida do jovem Hector, cujo confronto com a realidade, representada pela queda de um avião em chamas, maior e mais forte do que seus sonhos, transmuta sua realidade, permitindo que, do caos e do sangue, surja “Mil Nomes” — sem memória, passado, presente ou futuro, além do “estar aí” existencialista.

A partir de seu encontro desigual com a realidade do caos, começa a caminhada de “Mil Nomes”. Em que cada passo, cada encontro, cada ser, cada mundo, cada universo é um incremento de compreensão e de luz. Neste ponto percebemos que estamos livres de uma “religião da ficção científica”, livres de explicações pseudocientíficas de questões como “existe vida após a morte”, “qual o destino final das almas” ou “Deus existe ou não”. Para “Mil Nomes”, esta é uma luta sem tréguas, sem quaisquer concessões quanto a noções defeituosas ou imperfeitas



– cada uma destas fantasmagorias metafísicas deve ser confrontada, esmiuçada e desmistificada, sem contemplações!

Demonstrando conhecimento ímpar sobre a cultura oriental, as filosofias, mitologias e cosmogonias da Índia, do Japão, da China clássica, J. R. Pereira nos brinda com passagens magistrais, simbólicas e reveladoras sobre as ideias do oriente sobre vários mundos, vários universos que nascem, crescem e morrem, de seus habitantes exóticos e prosaicos, suas vidas e seus problemas – principalmente segundo o olhar da ancestral China clássica.

“Mil Nomes” atravessa o “vale das sombras e da morte” de seus complexos e teorias infantis até a maturidade da mente, através do jogo dialético com suas amigas, estranhas companheiras de viagem, de infortúnio e de triunfo. Elas são seu contraponto, seu espelho, sua “anima”, no sentido junguiano, onde ele começará a sair da casca do “Ser em Si” para alcançar a proximidade do outro, aprendendo com suas alegrias e tristezas a conhecer a si mesmo.

E conquistar, acima de tudo, a capacidade de amar e perdoar.

Mas desde já o leitor deve ser avisado que este não é um piedoso livro de espiritualismo, travestido com as vestes multicoloridas da ficção científica! Para longe tal vaidade! Quando menos se espera o futuro real, da ciência e da tecnologia, predica-se sem qualquer cerimônia, preenchendo o ar rarefeito da metafísica barata das “coisas espirituais” com a premissas contundentes da ciência especulativa.

Novamente o leitor é lançado contra suas próprias ideias pretensamente “elevadas”, “sublimes”, “abstratas”... mesmo em ficção científica!

O que é uma nave espacial senão uma metáfora do útero materno – lugar de sonhos e fantasias, o paraíso terrestre ao qual aspiramos retornar alguém dia? Pois agora, para “Mil Nomes”, a nave espacial transcendeu a metáfora, tornando-se sua própria existência real e concreta. Ordens a serem cumpridas e comandos a serem seguidos com exatidão. Decisões. Disciplina e hierarquia. Tarefas a serem feitas da forma mais eficiente possível.

O fim da caminhada, seja para “Mil Nomes”, para suas companheiras de viagem e para cada ser no universo é o Saber Absoluto: o salto do



“Ser em Si” para o outro e seu mistério... O Todo? O Nada? O Ser encontra sua negação, seu inimigo, sua contradição, no mais terrível dos campos de batalha – a Dialética. Neste combate decisivo o Ser e sua contradição, alienada no “Ser-Outro”, devem se erguer acima da condição existencial de suas vidas limitadas, de suas vidas com antolhos, para o confronto final: uma resposta, um nível mais abrangente, total, de entendimento, onde quase sempre tais respostas não são simples.

Voltando ao planeta Terra, o leitor que tem este belo livro de ficção científica em mãos não escapará impune de sua influência! Todo bom livro que tenha a qualidade de estimular a mente, que seja provocativo, que faça surgir questionamentos, deixa a sua marca de forma sutil, e ao acompanhar “Mil Nomes” em sua viagem extraordinária rumo ao conhecimento total, o leitor compartilhará de suas experiências e consequências, da transmutação alquímica de sua mente, da Transfiguração do Real!

Oxalá a epopeia maravilhosa de “Mil Nomes” — além de revelar o talento maduro e fulgurante de José Roberto Pereira, escritor de ficção científica brasileiro e orgulhoso de suas raízes – faça surgir mais e mais iniciativas criativas no campo da ficção científica brasileira!

*Ícaro S. França -
Editor da revista Isaac Asimov Magazine*



Nascimento

– Bum! Páh! Djim! Venha, amigo! Precisamos tomar o forte apache! Estou com você, amigo! Gri! Gri! Gri! Gri! Gri! Siga-me cabo Rusty! Bam! Bam! Bam! Os índios estão a nossa volta mein kapitän! Toque de ataque! Ta, tará, tará, tará, tará, tará, tará! Avente rapazes! Bam! Bam! Cavalaria avante! Riiiiiiih! Brocotó, brogotó, brogotó! Vejam! Os índios estão recuando! Nós-nunca-vamos-recuar-capitão!? O que veremos, pele-vermelha! Chame o homem do espaço! Chhhhhh! Chamando homem do espaço! Chhhhhh! Chamando homem do espaço! Câmbio! Chhhhhh! Aqui é homem do espaço! Chhhhhh! Já estou chegando, mein kapitän! Apontar lasers em tonteio! Fogo! Zim! Zim! Zim! Aaaaaah! Não pode escapar de mim, pele-vermelha! Mim-não-escapar! Ichi, nih, san, chi... Desça-de-sua-nave-espacial-e-venha-lutar-comigo! Zuuuummm! Plah! Aqui estou, chefe touro-sentado! Você-não-vai-





escapar! Ah! Bum! Ah! Tome isso! E isso! Bum! Pah! Plish! Você-não-pode-me-derrotar!? O que veremos! Acionar raio trator! Zuim! Zuim! Zuim! Zuim! Aaaaah! Maldito-homem-do-espaço! Estou-presno-no-seu-raio-trator! Tome-isso! Zum! Aaah! Sua lança me atingiu! Mas eu estou protegido com meu traje espacial! Hahahaha! Não senti nada! Mas-eu-também-posso-voar! Pelos-poderes-de-Manitu! Aaaaaaah! Pow! Pah! Isso não vale! Ah! Tum! Chamem o almirante Nelson! Submarino Civil ao resgate! Ah! Tome isso... Tome... Isso... Isso... Iss...

Tremeu o chão do corredor da casa de Hector. Seus brinquedos começaram a pular, pedacinhos de alegria dançando sobre ladrilhos vermelhos. Saindo da viagem mental colorida de sua brincadeira de há pouco, o menino de oito anos tentou compreender o porquê daquela movimentação diferente e, ao mesmo tempo, tão legal. Pensou que talvez fosse um caminhão ou um ônibus que passava lá atrás, na rua de cima. Isso já aconteceu outras vezes.

E não era a mesma vibração do bate-estaca daquele prédio novo lá do final da outra rua.

Era uma vibração diferente. Mais forte, mais intensa e que vinha crescendo, chegando cada vez mais perto a cada momento. Não parecia com nada do que se lembrava, ou lembrava outra coisa, vagamente.

Pensou um pouco e se lembrou. Sim, claro!

Era o som das turbinas de um jato. Hector sabia a diferença pois morava meio que perto da cabeceira de um aeroporto. Sabia a diferença de um avião movido a hélices e um movido por turbinas. Até dos helicópteros ele conhecia o barulho. Era um de seus passatempos ficar ouvindo os aviões levantando vôo ou passando no céu, contando suas cores, lendo letras e suas luzes. Era um menino com os olhos no céu, imaginando o que estaria além, depois da tela azul.

Gostava de aviões. Adorava aviões. E adorava a tela azul do céu.

“Esse... Esse avião... Está... Nossa! Está voando baixo, nossa...” – pensou ele, olhando para o fiapo de céu azul, espremido entre as paredes do corredor e de sua casa.

O som do avião cresceu.



“Esse avião aí vem baixinho, baixinho, bem baixinho...”

O medo brotou do caldo de emoções da criança. Era um medo antigo, um medo calcado na anormalidade e na autopreservação. Por outro lado, não fazia sentido sentir medo: ele estava seguro, protegido por paredes altas, em sua casa, salvo, completamente salvo, sem razões para ter medo.

Seria medo de avião? Não, Hector não tinha medo de aviões. Adorava aviões, eram seus amigos de metal, passarinhos de asas paradas. Em toda sua breve vida sempre teve contato com aviões pois morava perto da cabeceira do aeroporto. Acostumou-se com eles. Dormia com o som deles. Mesmo de madrugada, quando os técnicos testavam as turbinas dos aparelhos, seu sono era tranquilo e sossegado. E havia alguns aviões ali entre seus brinquedos: Phantom F5, Stealth, B52 e um helicóptero Apache laranja e branco da Matchbox.

Só que, desta vez, o som estava diferente porque...

Não estava certo. Estava alto demais, esquisito e potente.

Os aviões que passam sobre sua casa vêm gritando alto, pousam no aeroporto fazendo um barulhão das rodas tocando no chão para, então, gritar mais alto ainda. Daí sossegam.

Aquele avião gritava do tipo “mais alto ainda”, mas sem estar na pista. Gritava sufocado, como se estivesse tentando subir para o céu sem conseguir.

Machucado.

Ferido.

Doendo.

Hector abaixou-se e pegou um brinquedo, seu favorito, uma bolinha dourada que parecia um pingente de árvore de Natal. Envolveu seus dedos pequenos e fofos com firmeza na nave espacial, colocando-a no peito, sobre o coração. Não sabia porque fazia isso mas lhe pareceu ser correto. Hector ficou de pé, olhando com os ouvidos, prestando atenção no céu. Atento à crescente vibração. No barulho terrível de motor desesperado.

Seus ouvidos começaram a doer.

Foi a dica que faltava: alguma coisa estava para acontecer.



Algo gritou, o som entrando pelo corredor como uma serpente invisível. Seu coração deu uma disparada furiosa. O cabelo de sua nuca subiu. Suas pernas queriam correr, ele todo queria fugir, berrar, gritar, chorar... Mas não queria.

Deu pulinhos de lá para cá.

Foi até o portãozinho que separava o corredor da entrada da garagem, segurando as barras de ferro ondulado verde, meio enferrujadas. Colou o rosto entre as grades, passando a cabeça até parar nas orelhas.

Seus olhos castanhos quase se esticavam para fora da cabeça. Ainda bem que o carro da família não estava ali, seu pai saira mais cedo para ir trabalhar. Assim podia ver a rua e o céu aberto pela garagem, as casas e o medidores de luz e de água da entrada, onde algumas avencas e samambaias de sua mãe dançavam em seus vasos.

Sentiu um peso no peito.

Estava vindo! Estava chegando! O ar dizia isso, o céu dizia isso.

Estava ali, ali, naquele canto, ali!

Chegou.

Aconteceu entre o intervalo de piscadas dos olhos, lento quanto um “replay” dos “Gols da Rodada”. Brilhante pela intensidade, breve pela sua natureza.

Lento, mas instantâneo.

O nariz de um Fokker 100 passou precisamente ali adiante, no pedaço de céu retangular que o menino via da posição em que estava. Mais além, o corpo bojudo e branco da aeronave, adernando para frente. Suas janelas eram como pequenos olhos meio redondos, cravados na fuselagem. Talvez ele havia visto pessoas se movendo lá dentro, ou não, mas essa percepção não seguiu adiante.

Hector viu a brevíssima cena, assustado, alegre, horrorizado, fascinado, com todo medo do mundo mas... Feliz. Era legal! Era muito bacana! Mesmo com o barulho tremendo e o medo, era uma cena incrível! Ele queria chamar sua mãe, seu pai e seus amigos para verem um avião tão grande passando bem na frente de sua casa, com o corpo sobre sua rua, imenso, um gigante que parecia que ia pousar na calçada. Queria chamar alguém, qualquer um...



Não podia. O tempo se esgotou.

Ele viu a asa daqui, um pedaço da outra asa acolá, os flaps, a turbina, os parafusos salientes da carcaça, algumas cortinas de plástico semi-fechadas, os adesivos da companhia aérea, o avião já quebrando o chão da rua, pousando de qualquer jeito, como podia, desesperadamente...

E o mais legal, a coisa mais linda do mundo: uma parte debaixo da asa de cá se abrindo, vomitando uma cascata de querosene em chamas.

A enchurrada de fogo gritador desabou sobre a garagem e corredor da casa de Hector. Ele foi arremessado para trás, empurrado pelo bafo quente, rodando no ar que nem um boneco de papel na frente de um ventilador. Ao mesmo tempo, recebeu um banho de centenas de litros de combustível incandescente. Uma catarata de chamas inundou o corredor de sua casa, depois sua casa, as casas ao seu redor e, claro, ele e todos os seus brinquedos.

O menino foi coberto, tragado, mastigado e tornado fogo em um tempo menor do que eu poderia narrar.

A carne derretida de seu pequeno corpo colado ao chão mesclou-se com os ladrilhos, tijolos e seus brinquedos.

O avião caiu por inteiro no meio de sua rua, uma massa de metal branco-enegrecido, desabando numa hecatombe de entulho, com sua carcaça lotada de pessoas, raspando telhados, telhas, estuque, vergalhões, vasos e soltando tripas de aço amassadas em malas e restos humanos.

Mas ali, naquela casa branca de classe média, as chamas espremidas do acidente, brancas e amarelas, levaram ao léu pedaços calcinados de infância, sonhos e sentimentos de menino.

Um menino anônimo, um qualquer...

Cessou de existir.



1º passo

... e foi existir para outro lugar.

Hector sonhara com a morte diversas vezes. Estar morto não lhe era nenhuma surpresa.

Ele lera, certa vez, num gibi, que sonhar era que nem morrer aos pouquinhos. E ele estava acostumado a viver em sonho e a sonhar em vida. Os dois meio que eram a mesma coisa para ele. Criança têm dessas coisas.

Doeu-lhe bastante chegar até ali. Mesmo no outro mundo, ele ainda sentia a “pele” fervendo, o corpo ardendo, decerto num reflexo vibracional lá da carne, uma reverberação mística, que foi ficando longe, como se ele despertasse de novo. Devagar, a dor foi passando e novas impressões foram chegando-lhe, como a cerração que desce a montanha com uma garoa refrescante, dissipada pelo sol da manhã.

Levantou-se do chão, a vista ardendo e o pensamento confuso.

Depressa (re)acordou e já se pôs a pensar.

O que lhe intrigava era que, desta vez, o sonho não era como os sonhos de antes; confusos e estranhos, às vezes sem sentido.

Estava sonhando ou não?

Porque, desta vez, ele sentia não precisava... Acordar.

Pois agora, sim, estava acordado. E que, antes... Dormia.

Tinha a convicção de que daquele não-sonho...

Não precisava acabar. Que nunca mais terminaria. Era algo maior que estar vivo. Muito mais intenso, mais verdadeiro. E nunca sentira, em vida, tanta, mas tanta tranquilidade e tanta paz.

Será?

De pé mas cambaleante, com a vista turva, Hector se pôs a andar pelo lugar nebuloso, guiado por uma mistura de curiosidade, necessidade e satisfação: estava em casa mas... Não era sua casa.



Que lugar era aquele?

Saiu do corredor abrindo o portãozinho, tropeçou num vaso. Voltou a andar e passou pelo portão deslizante da garagem, chegando à calçada. Dia... Sim, era dia. Um dia claro e comum. Tapou a testa com uma das mãos, enquanto que, com a outra, esfregava os olhos.

Já estava do lado de fora de sua casa, andando descalço pelo meio da rua onde, agora há pouco, o jato de passageiros acabara de cair.

Mas o jato desaparecera! Não havia jato nenhum.

Era sua rua, de fato. Ali ele engatinhara, aprendera a andar, brincara de bicicleta, esfolara o joelho, jogara bola e comera balas Chita com bolo Pullman de chocolate e coco. Estava lá a casa da vizinha dona Morgana, a casa que estava sempre fechada, a casa do seu Paulo que trabalhava com pedras, e a casa da dona Rosa, bonita e alta; as árvores que a Prefeitura não gostava de podar e por isso cresciam mais do que deveriam, a calçada esburacada e com pastilhas quebradas, alguns carros novos e velhos, o bueiro, até o céu era o mesmo.

Mas faltava gente. Não estava lá o Mauro, o Lúcio, o Felipe, o Thiago, a Rosana e seus colegas de rua.

Pensou: num sonho, as coisas estão sempre mudando. Sua mãe lhe explicara uma vez que isso acontece por causa de nosso pensamento, nossa vontade de querer colocar em ordem ao que vemos. Pensamento atrapalha tudo. Queremos colocar ordem no caos de nossa cabeça. Assim, uma porta de madeira pode virar uma porta de vidro, o rosto e as roupas das pessoas vivem mudando, os textos escritos não tem coerências... Nada fica certinho.

Ali, naquela rua estranha, tudo estava perfeito. Sem alteração, sem mudança, sem confusão.

Em ordem.

Em paz.

Mas errado.

Onde estavam as pessoas? Onde estavam os passarinhos, as formigas do chão, os insetos que de vez em quando passam na frente da gente?

Onde estava o vento, onde estava o... ar?

Onde estava o fogo da queda do avião e onde estava o próprio avião e seus restos? Que estranho...



E onde estava Jesus? Todo mundo dizia, especialmente sua tia evangélica que, depois de morrer, a gente vai conhecer Jesus. Ou Deus. Ou um dos anjos... Mas não havia ninguém.

Só a rua e tudo que fazia a rua ser... rua.

Apesar disso, Hector não estava com medo. De alguma maneira suspeita, ele se lembrava que já estivera ali, naquela “quase rua”, muitas e muitas outras vezes antes e sem conta. Aquele era o palco em que sua mente brincava com os marionetes da imaginação. Onde heróis, mocinhos, bandidos, monstros, guerreiros e animais desfilavam em histórias desconexas, sempre alegres ou... nem tanto.

Ele estava morto. Sabia disso. Não entendia bem o porquê, talvez por causa da sensação de perda, como um naufrago que deixara sua ilha e abordara um navio no meio do oceano, no escuro, de noite. Daí não percebia se ia ou se vinha mas... Sabia que estava deslocado.

Também sabia que estava pensando em coisas que não conseguia pensar antes. Sua cabeça estava mais clara, entendia sem saber. Mas tudo bem, não se sentia mal por isso. Estava em paz. Não deveria estar, mas estava em paz. Sabia que ficara “para trás” sua família, amigos, parentes. Tudo se fora mas sem sentir qualquer “perda”, já que não há o que perder quando nada se teve... Ou nada se era.

Sabia Hector que agora ele estava numa nova... “Sala” (?) do Universo, em um (não tão) novo compartimento da mansão de Deus.

Então concluiu: aquele era o lugar onde os mortos iam depois da vida.

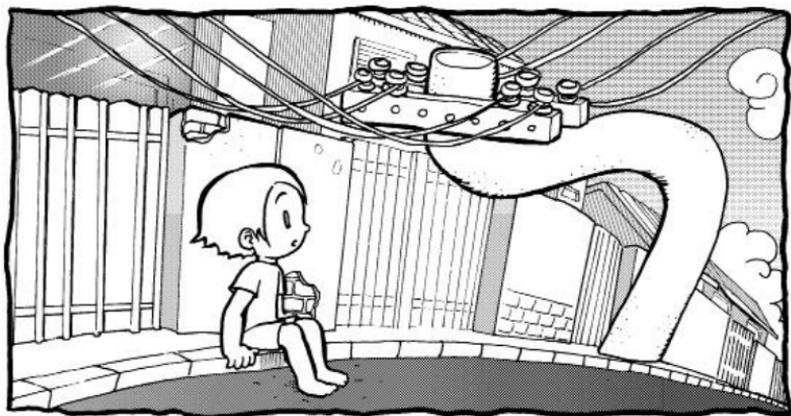
Quando ia começar a pensar na sua mãe e no seu pai, olhou atentamente para um poste.

Naquele poste de metal velho e enferrujado estavam ornamentadas dezenas de pequenas castanhas brancas em braços de madeira escura. Nas castanhas passavam fios de cobre brilhantes que iam se juntar a outro poste igual lá longe, e depois em mais outro e outro, até sumir.

O poste lhe passou uma onda de tranquilidade e alegria. Era uma visão boazinha que lembrava outras visões boas, de terra, de interior, de viagens de carro e olhares para a estrada em movimento, cheiro de mato molhado depois da chuva. Gostoso...!

Um sonho que ficou real era de surpreender qualquer um.

Mas o que veio depois foi ainda mais surpreendente.



O poste moveu-se de leve para a esquerda, como um homem que tem sua atenção chamada por algo. O poste sem olhos olhou para Hector através das castanhas de isolamento. Surpreendentemente, o poste dobrou-se e veio trazer suas castanhas para perto de Hector.

– Oi. – disse o poste. Educado, Hector respondeu:

– Oi. Bom dia.

– Bom dia. Tudo bem com você?

A voz do poste não era nem de homem, nem de mulher. Era uma voz sem timbre, oca, um pensamento que vinha de lá para cá, como quando a gente está tão abraçado a uma pessoa que sabemos o que ela pensa.

– Eu... Estou. Estou sim, estou bem.

– Tem certeza?

– Ahn?... Não, né. Não tô bem.

– Por quê? – o menino bateu os braços e levantou os ombros várias vezes, contrariado.

– Ah, sei lá. Eu... Eu acho que eu morri.

– Verdade. Você morreu. – os fios de cobre tilintaram. – Está... Decepcionado?

– Ai... Um pouco, né?

– Por quê?

– É que a minha tia disse que quando a gente morre, vai pro Céu encontrar Jesus. Isso aqui não parece o Céu e nem tem Jesus. O céu... O céu deveria ter um monte de anjos cantando em umas nuvens assim...



- imitou com as mãos uma nuvem, assoprando o vento com a boca. – E não tem ninguém cantando nada, não.
- Jesus nunca existiu. Ele não era um homem de verdade.
- Puxa... E o que ele era então?
- Ele era um estado de espírito. Um jeito de aquecer a alma, libertar seu coração e elevar o seu pensamento para coisas boas.
- Mas olha só, me disseram que Jesus era um homem que morreu pelos nossos pecados...
- Não. Jesus mostrou como se deve pensar. E como se deve agir. Com o tempo as pessoas mudaram esses ensinamentos e virou outra coisa. Mas isso não importa. Nada mais importa. Porque este é o seu céu. – disse o poste, solene. – É assim que você vê o seu céu. É assim que você pensou o seu céu. E aqui você pode tudo. Pode até haver um Jesus se você quiser.
- Com'ê qui é?
- Este é seu céu. – insitiu o poste, firme mas gentil, a compreensão se tornando mais clara na mente de Hector. – Esta é sua rua. Você gosta de sua rua. Aqui é seu céu. Você é seu próprio Jesus. – formalizou o poste. – Entendeu agora?
- Entendi sim. Mas... Moço! Olha, não tem ninguém aqui. – ele olhou em torno, procurando alguém com o dedo apontado. Daí coçou a testa. – Podia ter mais gente?
- Poderia ter, se você quisesse. Mas agora você a quer assim.

Hector sentou-se na calçada ao lado do poste. Vestia uma camiseta branca e um shortinho azul, seu uniforme do pré-primário. Gostava daquela roupa.

- Como o senhor se chama? – perguntou Hector. Era educado saber o nome das pessoas... Ou das coisas.
- Steve.
- O senhor... seu Istíve...
- Steve. Lembre-se de meu nome. Neste e em outros mundos, os nomes têm muito poder. E lembre-se de tudo o que ver. Consegue se lembrar?
- Consigo. Está fácil lembrar. Sim, eu lembrarei do senhor, seu Steve...
- Bom! Muito bom.
- O senhor não é daqui, né, seu Steve?
- Não. Eu sou um poste. Eu estou lá na Terra.



– O senhor é meu amigo, né?

– Sim, sou seu amigo. Todos os postes são amigos dos seres humanos. Um dia seremos pessoas. Hoje, somos postes. E somos amigos das pessoas.

– Só os postes são amigos?

– Não só os postes. As placas das ruas e os luminosos de estrada também são. Você tem muitos amigos. Os bueiros cheirosos, os sinaleiros coloridos, as árvores floridas, as torneiras brilhantes, as flores perfumadas, as estantes grandes e os livros, as árvores que dão sombra e frutas, as casas antigas, os prédios altos e os passarinhos em cima dos muros. Alguns gatos de olhos grandes e uns poucos cães de pelo branco no focinho frio também são amigos. Lobos perdidos e morcegos guinchadores. Pássaros verdes e baleias molengas, orcas puladoras, narvais e suas famílias, golfinhos solitários e certos cardumes de peixes. Arbustos um pouco maiores que você, montanhas com gelo em cima, rios e lagos calmos e agitados. Pedras grandes e pequenas, principalmente as pedras, são amigas dos homens.

– Por quê?

– Porque existimos tanto no mundo real quanto nos mundos dos pensamentos dos homens. Porque o Universo é vasto. Mas a mente do próprio homem também é, e assim o homem se torna ainda mais vasto do que acha que é. Este lugar é um exemplo dessa vastidão, pois é mundo acima dos pensamentos. – Steve fez uma pausa e continuou: – Você criou este mundo. E está perto de nós porque precisa de nós. A Natureza é feita de amor. Somos feitos de amor. A amamos tanto o homem que tudo fazemos e faremos por ele, por mais que nos agrida. Por isso estou aqui. Para ajudar.

Hector brincou com os pés sem chinelos. O asfalto da rua estava morno.

– Ajudar eu porque eu morri, né?

– Sim.

– Então... Se eu morri... O senhor também morreu, seu Steve?

– Não.

– Por que não?

– Eu sou um poste. Eu nunca estive vivo. Um dia estarei. Talvez. Mas não estou agora.

– O senhor... – Hector sorriu, maroto. Ele nunca havia conversado com um adulto daquele jeito. Por isso, respeitava e admirava o poste.



- O senhor Steve quer que eu fique aqui pra sempre?
- Só se você quiser. Você quer ficar aqui para sempre?
- Eu poderia ficar. Gosto da minha rua. – Bateu os pezinhos no chão.
- Gosto dela assim, sem ninguém. Vazia.
- Então fique.

Hector pensou um pouco e fez um muxoxo.

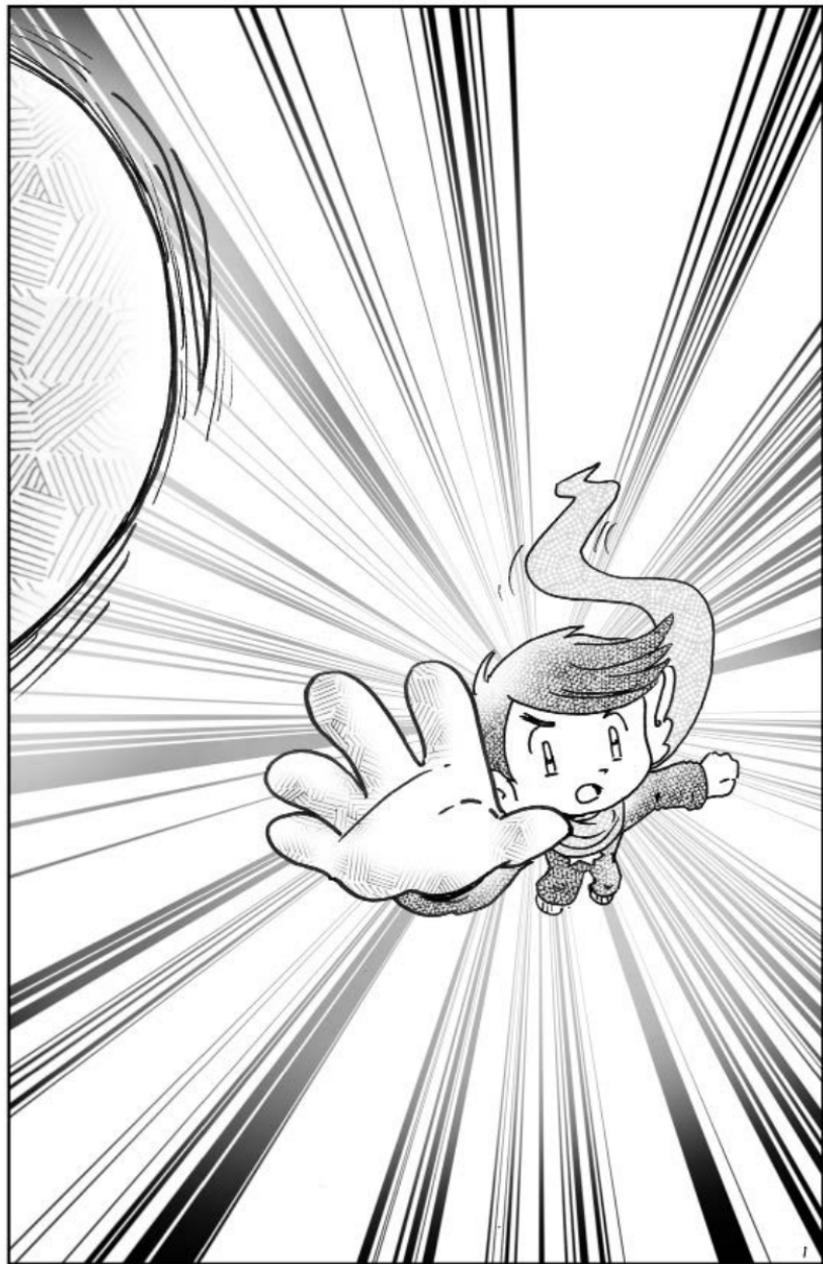
- Nhah! Não vai dar certo, não.
- Por que não?
- Eu sei que é um sonho, né? Sei que estou fugindo. Meu sonho aqui é isso, pra gente fugir. Olha aqui, olha. Tá vendo meu pé? – e mostrou o pé direito, abrindo os dedinhos.
- Sim. – Hector então bateu-os no chão asfaltado, depois tocou-o com as mãos.
- O chão está quente, bem quente, está sim.
- Está.
- Estou sentindo o calor da queda do avião.
- Sei.
- Então, né? Ele vai estar sempre aqui. Debaixo de mim. Debaixo de tudo. Escondido. Mas vai estar aqui. E eu... Eu sei que uma hora... Eu vou ver tudo de novo.
- Por que tem que ver?
- Não tenho, né? Não preciso se eu quiser. Mas eu... Eu vou ver isso um dia. Porque... – ele pensou um pouco e concluiu. – Todo mundo que morre... Cedo ou tarde... Sempre vê a morte de novo.

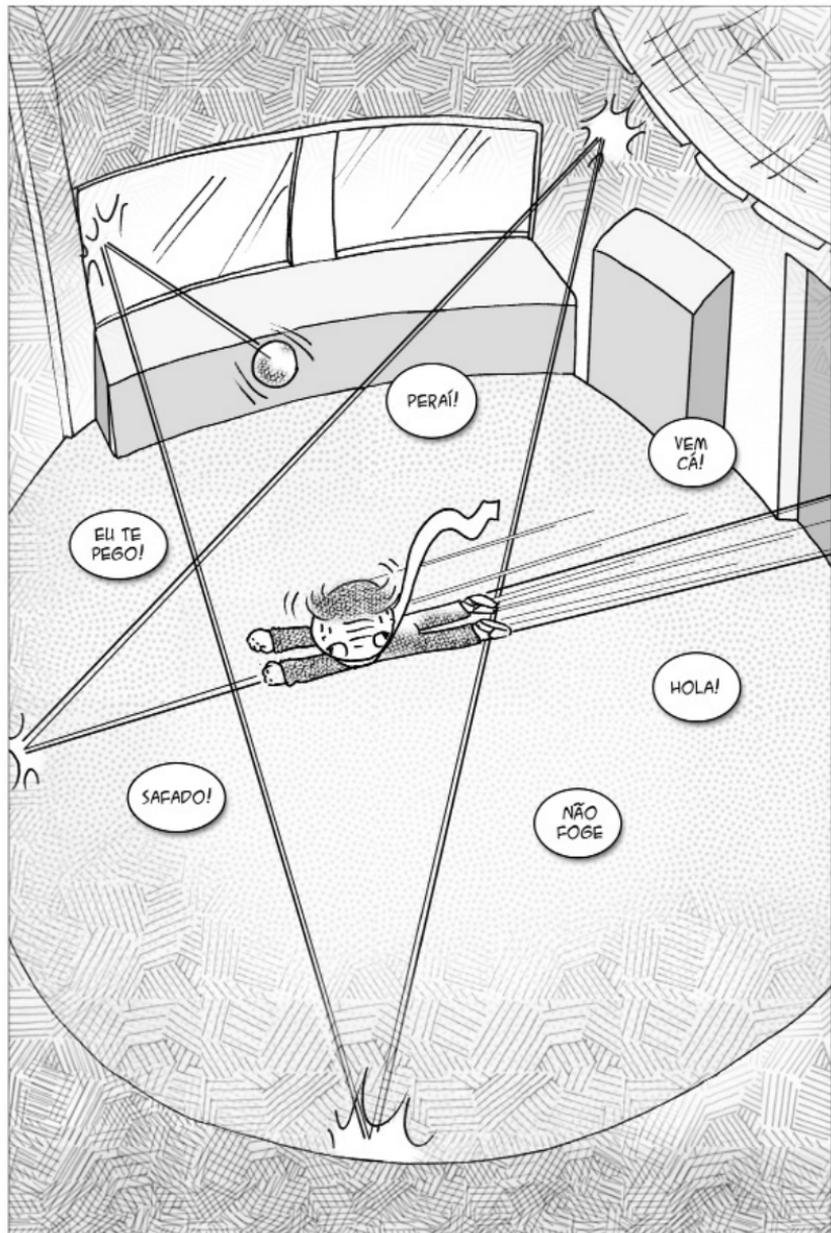
Steve não comentou nada. Dobrou-se mais um pouco.

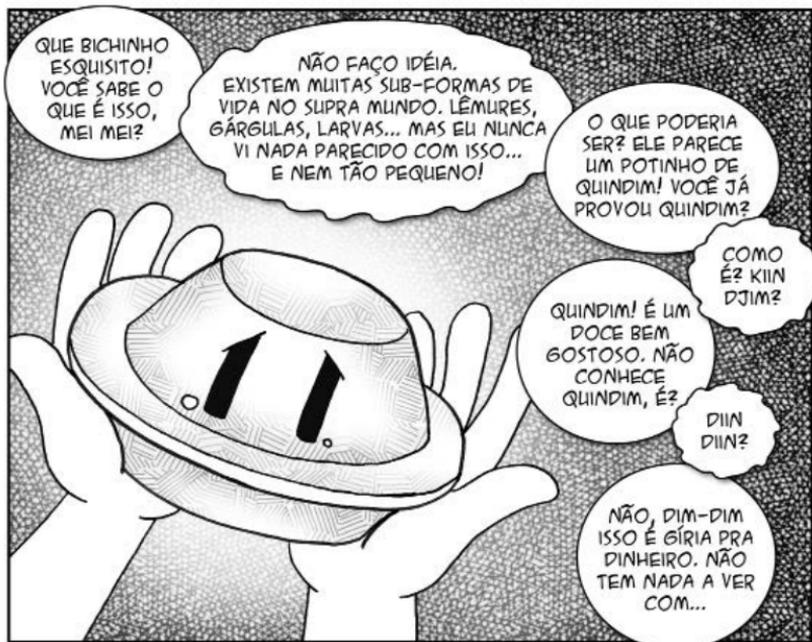
- Posso lhe dar uma sugestão?

O menino acenou afirmativamente.

- Você pode ignorar o calor do chão. Ignorar, deixar de lado, não dar bola. É uma coisa boa ignorar. Sabia?
- Sei. É... É verdade, é. Todo mundo faz isso também. Ignora. Vou fazer isso. Agora não é hora disso.
- Muito bem! Acho que você já está bom para certas coisas... Então, permita-me apresentar onde estamos. – o poste limpou um pigarro.
- Este lugar tem muitos nomes. Porque muitas pessoas antes de você passaram por aqui. E as pessoas tem, ou querem ter, muitos nomes.









EU O SINTO
CHEIO DE VIDA!
CHEIO DE COISAS
BOAS! SEM
MALDADE
NENHUMA!



ME DÁ LOGO ESSA
PORCARIA AQUI! DEIXA
DE SER MELOSA!



ISSO
DEMANDA A
EXPERIÊN-
CIA...

DE UM
HOMEM...

QUE CONHECE
CERTOS SEGRE-
DOS.



HIN
DJIM?
KWIN
JEAN?

AI, TADINHO DO
BICHINHO! NÃO
MALTRATA ELE, NÃO!

SIM, EU SEI O QUE
É ISSO! ACHO QUE POSSO
ABRI-LO. DEIXA EU VER SE
AINDA LEVO JEITO...
VAMOS VER!

TIK!
TAKTIK!